

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: MOÇAMBIQUE  
17 de abril de 2024

### XILUNGUINE, A TERRA PROMETIDA / 2011

um filme de Inadelso Cossa

*Realização, argumento, direção de fotografia, montagem:* Inadelso Cossa / *Som:* Sergio Mahumane / *Música original:* Feliciano “Pachu” Gomes / *Assistência de realização:* Sandra Cosme / *Participação:* Joaquim Mahumane, Lídia Cumbane, Raquelina Macamo, Palmira Cossa, Pedro / *Produção:* 16mmFilmes / *Produtor:* Inadelso Cossa / *Cópia:* DCP, colorida e a preto e branco, falada em tsonga e português, legendada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 30 minutos / *Estreia mundial:* 2011, Fórum de Curtas-Metragens KUGOMA / *Estreia portuguesa:* 2013, ECAS – Conferência Europeia de Estudos Africanos / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca*

### UMA MEMÓRIA QUIETA / 2014

um filme de Inadelso Cossa

*Realização, argumento, direção de fotografia, montagem:* Inadelso Cossa / *Operador de som:* Moisés Langa / *Participação:* Aurélio Valente Langa / *Produção:* 16mmFilmes / *Produtor:* Inadelso Cossa / *Cópia:* DCP, colorida e a preto e branco, falada em português e tsonga, legendada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 14 minutos / *Estreia mundial:* 2014, Festival Internacional de Curtas-Metragem de São Paulo / *Estreia portuguesa:* 2015, Fringe Short Film Festival / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca*

### UMA MEMÓRIA EM TRÊS ATOS / 2016

um filme de Inadelso Cossa

*Realização, direção de fotografia, montagem e narração:* Inadelso Cossa / *Argumento:* Inadelso Cossa, Sandra Cosme / *Operador de som:* Moisés Langa / *Desenho de som:* DJ Dose / *Participação:* Aurélio Valente Langa, Marcos Cossa Albano, Beatriz Albano, José Estêvão Muscavel, Isabel Muinga, O Cesteiro / *Produção:* 16mmFilmes / *Coprodução:* Weltfilm / *Produtores:* Inadelso Cossa, Kristina Konrad / *Cópia:* DCP, colorida e a preto e branco, falada em português e tsonga, legendada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 65 minutos / *Estreia mundial:* 2016, IDFA – International Documentary Film Festival Amsterdam / *Estreia portuguesa:* 2017, IndieLisboa – Festival Internacional de Cinema de Lisboa / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca*

**Duração total da sessão: 109 minutos.**

**Com a presença de Inadelso Cossa.**

---

Inadelso Cossa é um dos nomes mais marcantes da nova geração de cineastas moçambicanos e aquele que tem tido, até ao momento, maior projeção internacional. Na sessão de hoje apresenta-se a obra “quase” completa do realizador até ao momento. Digo quase porque há poucos meses, em fevereiro passado, estreou o seu mais recente filme na secção Forum do Festival de Berlim, **As Noites Ainda Cheiram a Pólvora**, a sua segunda longa-metragem. Foi assistente de realização de Flora Gomes (em **República de Mininus**, de 2012), mas desde que fundou a sua própria produtora, a 16mmFilmes, tem-se afirmado enquanto cineasta em nome próprio (e cineasta total, porque produtor, realizador, câmara e montador), preocupado com as possibilidades do cinema documental e de como este pode trabalhar “temas como a memória pós-colonial, o trauma, a oralidade perdida e a amnésia coletiva em Moçambique”.

A este respeito, um aspeto curioso encontra-se logo na abertura do seu primeiro filme – que abre igualmente esta sessão – **Xilunguine, A Terra Prometida**, onde o logotipo da produtora vem acompanhado de um “slogan”: *Na Vanguarda do Cinema Direto*. É surpreendente descobrir um realizador contemporâneo que, na Moçambique do século XXI, recorre a conceitos de cinema vindos, em primeiro lugar, de Dziga Vertov (e o seu Kino-Pravda, “cinema verdade”), depois do documentarismo norte-americano do final da década de 1950 (em particular do Quebeque), e por fim de Jean Rouch e da sua muito particular prática de cinema etnográfico – agregando tudo com a expressão “vanguarda” que tem tanto de revolucionário como de anacrónico. É certo que, nos filmes seguintes, o realizador deixou cair o “slogan”, mas não deixa de se impor como o frontispício da sua obra, um frontispício onde a estética e política do cinema se afirmam como ferramentas transformadoras.

De facto, é de “obra” que se trata. Diante destes três filmes é impossível não entender o percurso de Inadelso Cossa como um *continuum*, já que os temas, as situações e as personagens dos filmes vão sendo integrados e desenvolvidos nos filmes seguintes. Certos nomes atravessam cada um dos três títulos, por exemplo Eduardo Mondlane e a sua passagem por “Lourenço Marques” (atual Maputo) em 1961, antes de se refugiar na Tanzânia e a partir daí começar a organizar os movimentos de libertação de Moçambique (foi o primeiro presidente da FRELIMO, entre 1962 e 1969, ano

em que foi assassinado com uma bomba, presumivelmente pela PIDE). Porém, o exemplo de Mondlane é elucidativo daquilo que Cossa vai trabalhando: o seu nome surge uma e outras vezes, mas apenas através dos testemunhos daqueles que, ainda vivos, recordam para a câmara do realizador as suas memórias de resistência. Muito embora Inaldeso Cossa trabalhe as imagens de arquivo, ora de propaganda, ora de contrapropaganda, ora de arquivos familiares, os seus filmes são – sistematicamente – louvores à necessidade de produzir uma história oral a partir do presente, através das memórias dos sobreviventes e das ruínas do regime ditatorial fascista do Estado Novo.

Na abertura de **Uma Memória em Três Atos** ouve-se a voz do realizador que explica de que modo trabalha sobre o arquivo colonial: “Estas imagens pertencem a um tempo do qual não faço parte, mas busco a memória daqueles que o viveram. Quando decidi fazer este filme não me ocorreu a dificuldade que teria em procurar material de arquivo para justificar o meu argumento, mas à medida que ia folheando revistas e folhetos de propaganda percebi o quão complicado seria contar a história deste outro tempo que nós – eu e a minha geração – não vivemos.” A candura deste testemunho traduz-se, depois, numa série de estratégias em que o realizador operacionaliza as imagens do regime para delas extrair um olhar presente (e crítico) sobre o passado a que elas se reportam. Ao longo dos três filmes da sessão vai-se percebendo de que modo Cossa foi questionando a “transparência” das imagens do passado, em particular, o modo como as ruas de Lourenço Marques/Maputo são retratadas no documentário de Luís Beja **Moçambique: No outro lado do tempo** (1975), realizador próximo do estado português. Se em **Xilunguine** as imagens surgem com um propósito rememorativo (e as cores “vintage” são acentuadas e o seu recurso é, acima de tudo, ilustrativo), em **Uma Memória Quieta** as mesmas imagens perdem quase toda a sua saturação, aproximando-se do preto e branco. O arquivo deixa de ser uma fonte “fidedigna” e passa a ser um território de experimentação. Tanto é que, nesse mesmo filme, há um efeito de subjetivação das imagens do arquivo, como se estas traduzissem o olhar vigilante do estado ditatorial.

A juntar ao arquivo produzido pelo regime, Cossa constrói uma espécie de contra-arquivo pessoal (talvez se esconda aí o elemento agregador da sua filmografia) onde vai colecionando memórias e testemunhos dos vários anciãos. **Xilunguine** foca-se numa comunidade particular, os migrantes da região de Gaza que trouxeram para Maputo (e para um bairro específico, entretanto desaparecido) a cultura Tsonga; ao passo que os dois filmes de “memórias” focam-se mais na perseguição política da PIDE aos moçambicanos engajados com os movimentos de libertação. O método de Inaldeso Cossa vai da simples entrevista até à visita dos locais em que vários presos políticos foram torturados pelas forças opressoras do estado português, aproximando-se – com as devidas diferenças de escala – do método “Claude Lanzmann”. E, à semelhança do realizador francês, a consistência unívoca da obra do realizador, que aponta num mesmo e incessante sentido de pesquisa, levantamento e arquivamento das memórias do horror que produz uma totalidade panorâmica sobre o passado. A esse respeito, o testemunho de Isabel Muinga, a filha de “Chico Feio” um dos mais temidos torturadores da PIDE é, a todos os níveis, um exemplo da força extraordinário do olhar de Cossa e do seu processo, tão historiográfico quanto cinematográfico; e o mesmo se pode dizer da “visita guiada” que José Estêvão Muscavel conduz às prisões da PIDE – dois momentos muito “lanzmannianos”.

Mas, talvez, a estratégia formal mais surpreendente do realizador (e nada “lanzmanniana”) seja a entrevista/reencenação, em **Uma Memória Quieta**, com Aurélio Valente Langa, vítima de inomináveis torturas pela PIDE. O mesmo testemunho e várias das mesmas imagens são reutilizadas no segundo ato de **Uma Memória em Três Atos**, só que Cossa preferiu, nesse último filme, reduzir grande parte do depoimento de Langa ao *off* (recorrendo a imagens de um gravador de fita magnética). Por sua vez, no primeiro filme, o realizador optou por encenar a entrevista do preso político como se esta se tratasse de um interrogatório. Filmado a preto e branco, com uma luz muito contrastada e com um foco luminoso forte sobre o rosto de Langa, havia naquela entrevista algo de deposição criminal, numa lógica dramaturgicamente que fazia lembrar – em registo documental – a famosa sequência do interrogatório em **Les Quatre Cents Coups** (1959). A juntar a isso, **Uma Memória Quieta** terminava com uma imagem perturbadora: sobre as costas de Aurélio Langa, peçadas de cicatrizes antigas das torturas de que fora alvo, são projetadas imagens do arquivo colonial. Estas duas estratégias revelam muito das ambiguidades da própria mecânica do cinema naquilo que é a produção de um discurso que não remeta, inevitavelmente, para a mera reativação do trauma. Ao fazer coincidir o gesto do realizador-investigador com o da polícia política e ao aproximar metaforicamente as cicatrizes de um corpo maltratado às imagens do arquivo (projetadas no presente), Inaldeso Cossa coloca-nos num impasse tão enigmático quanto produtivo: quais as consequências do lembrar? e quais as consequências do esquecer? A alteração de estratégia cénica em **Uma Memória em Três Atos** “resolve” o enigma, mas não responde à questão. Mas haverá resposta?

Ricardo Vieira Lisboa